



O FUZIL AK-47 E A VEXILOLOGIA

Cícero Caldas Neto*

Aliar o envolvimento da Vexilologia com uma arma utilizada por exércitos e milícias ao redor do mundo é o principal objetivo deste artigo, ao destacar os desenhos de várias bandeiras e brasões nacionais que reproduzem a imagem do fuzil AK-47. Em seguida, a primeira regulamentação do uso das bandeiras, através das *Siete Partidas* do Rei espanhol Alfonso X, que muito influenciou a legislação ibérica, culminando com a divisão/anatomia das bandeiras.

Outro dia me deparei com um artigo sobre o relançamento, pelo conglomerado industrial russo Rostec, do tradicional fuzil russo *Avtomat Kalashnikova* (AK-47): uma das armas de infantaria mais utilizadas por exércitos e milícias ao redor do mundo pelo seu baixo custo, eficiência e fácil manutenção, que surgiu em 1947 pelas mãos do Sargento russo Mikhail Kalashnikov⁽¹⁾, morto em 2013, aos 94 anos.

A simplicidade do design, comparando-se a similares do mercado, e o seu projeto nada revolucionário, teve por inspiração armas alemãs do fim da 2ª Guerra Mundial, as quais necessitavam de leveza e resistência às mudanças climáticas. Assim, o AK-47 conseguiu a proeza de figurar no livro *Guinness World Records* por ter mais de cem milhões de unidades ainda em uso atualmente.

A jornalista Priscilla Santos, em seu artigo "AK-47: A Arma do Século XX"⁽²⁾, ilustrou bem

a amplitude de uso deste artefato estimando que tenha matado, pelo menos, sete milhões de pessoas com suas quase cem milhões de unidades fabricadas e vendidas a preço tão baixo que passaram a ser objeto de desejo dos narcotraficantes do Comando Vermelho – no Rio de Janeiro – ou do Primeiro Comando da Capital – em São Paulo.

"Libéria, Angola, Sudão e Moçambique foram os países da África que mais receberam carregamentos da *Avtomat Kalashnikov* 1947. As fontes eram fábricas na Albânia, Egito, Hungria, Alemanha, Bulgária, entre outras, que as forneceram aos estados africanos em formação. [...] Logo, o produto tornou-se tão abundante que chegou a ser vendido a US\$ 10 ou trocado por um cacho de bananas. Com diamantes do Togo e da Guiné, o ditador Charles Taylor fez chover abundantemente a *kalashnikova* na Libéria. Em 1975, a guerra de dez anos pela libertação de Moçambique chegava ao fim e, na sequência, um conflito civil onde o país seguiu por um calvário de tendências políticas. Quando da assinatura do Acordo Geral de Paz, em 1994, a bandeira nacional já estava estabelecida: nela figura potente uma AK-47 como símbolo de um povo e sua luta." (Priscilla Santos, in *AK-47: A Arma do Século XX*).

Essa facilidade de operação fez com que Osama bin Laden, o criador da Al-Qaeda, frequentemente fosse visto com um AK-47 a tiracolo e até mesmo na coleção de armas do ditador iraquiano Saddam Hussein, apreendida pelas tropas dos Estados Unidos, se encontrou um deles folheado a ouro. A fama e o uso indiscriminado da arma⁽³⁾, tanto por militares quanto civis, fizeram com que alguns países exaltassem o fuzil, utilizando sua imagem nas bandeiras nacionais e nos brasões, a exemplo de Moçambique, do grupo radical libanês Hizbullah e os brasões do Timor Leste e do Zimbábue, como se pode ver nas imagens a seguir.



Emblema



Brasão de Armas



Bandeira de Moçambique



Bandeira do grupo radical libanês Hizbullah



Brasão de Armas do Timor Leste



Brasão de Armas do Zimbábue

Na descrição ⁽⁴⁾ do emblema nacional, o governo hoje democrático do Timor Leste explica:



"O conjunto da espingarda automática, de modelo AK-47/Galaxi, o rama inan (arco) e o diman (flecha) simbolizam os valores de séculos de luta de resistência do povo pela libertação nacional e auto-defesa po-

pular pela honra e dignidade da soberania do Estado."

No brasão de armas do Zimbábue⁽⁵⁾, também foi destacado o modelo da arma utilizada:

"O brasão de armas do Zimbabwe foi adotado a 21 de Setembro de 1981, um ano após a adopção da bandeira nacional. [...] Por detrás do escudo estão um enxada (à esquerda) e uma metralhadora AK-47 (à direita) cruzadas, unidas por fitas de seda verdes e douradas."

Apenas a título de ilustração, também outros países adotam armas em suas bandeiras para representar sua soberania, como Angola, Arábia Saudita, Guatemala, Haiti, Oman, Quênia, Sri Lanka e Suazilândia:



Bandeira de Angola



Bandeira da Guatemala



Bandeira Estatal do Haiti



Bandeira do Quênia



Bandeira de Oman



Bandeira da Arábia Saudita



Bandeira da Suazilândia



Bandeira do Sri Lanka

Feita essa apresentação, vamos ao tema de fundo deste artigo: a Vexilologia, ciência auxiliar da História que estuda as bandeiras, estandartes e insígnias e as suas simbologias, usos, convenções etc. O seu nome provém de *vexil-*

lum, nome dos estandartes utilizados no exército romano.

Uma bandeira não é apenas um pedaço de pano colorido. Em seu conteúdo, estão representadas as lutas, história, esperanças e convicções de um povo. Usada tanto na paz como na guerra, é um dos símbolos universais mais abrangentes e comunicativos. Sua origem remonta à Idade Média, quando os exércitos, para não se confundirem uns com os outros, usavam um pedaço de tecido hasteado num estandarte, com as cores e sinais de identificação.

Coube ao Rei espanhol Alfonso X (1252-1284), o sábio, a primeira regulamentação do uso das bandeiras, através das *Siete Partidas*, corpo normativo redigido em Castela com o objetivo de se ter certa uniformidade jurídica para o Reino. Essa obra é considerada um dos mais importantes legados da Espanha para a história do Direito.

LAS SIETE PARTIDAS



Capa da obra *Siete Partidas*, exemplar de 1555

Parte 1: *la iglesia y la vida religiosa*

Parte 2: *la ley pública y el gobierno*

Parte 3: *la justicia*

Parte 4: *el matrimonio*

Parte 5: *el comercio*

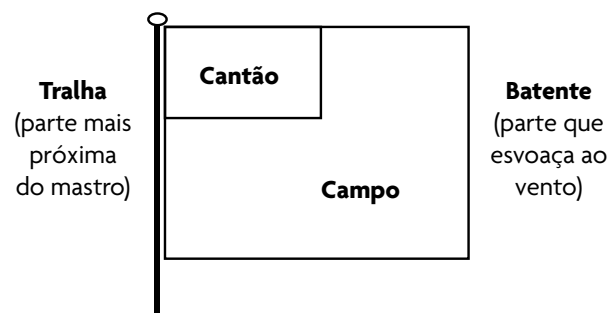
Parte 6: *testamentos y herencias*

Parte 7: *los crímenes y los castigos*

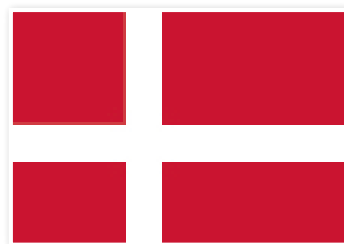
As *Sete Partidas*, com o respectivo regulamento sobre as bandeiras (*señas*, como foram genericamente referidas) influenciaram a legislação de todos os reinos ibéricos, entre os quais Portugal, cujo Rei D. Dinis era neto de Alfonso X. Na *Partida II*, conjunto de leis que se referem à guerra, foi inserido o regulamento sobre as *señas* através das leis XII, XIII, XIV e XV, estabelecendo quais sinais deveriam identificar os chefes militares em campanha e as diferenças entre o estandarte privativo de um príncipe, os pendões, os hierárquicos dos comandantes militares, as flâmulas de cada regimento etc.

Teve vigência por toda a América Hispânica até a época das codificações (1822-1916), chegando aos Estados Unidos em princípios do século 19, em territórios que pertenceram antes ao império espanhol (como a Louisiana) e, embora as codificações legais posteriores tenham posto fim à aplicação das *Partidas*, este fato não implicou o desaparecimento do Direito nelas contido, pois boa parte passou a fazer parte dos códigos dos países hispano-americanos (especialmente os códigos civis).

ANATOMIA DAS BANDEIRAS

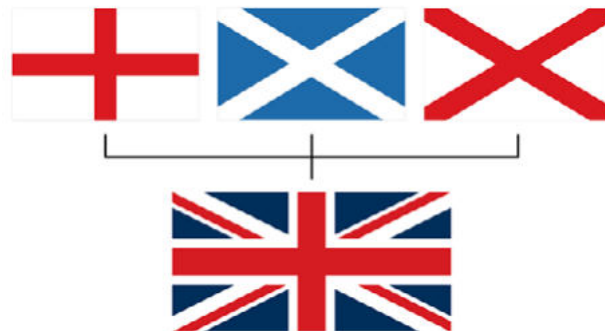
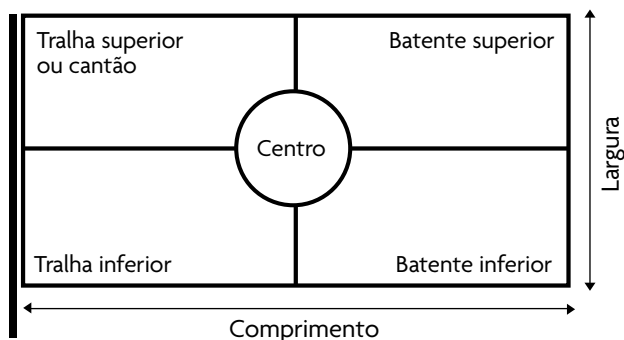


A bandeira mais antiga do mundo em uso contínuo é a Dannebrog, da Dinamarca. Sua origem data de 1219 e, de acordo com uma antiga tradição, teria caído do céu durante a Batalha de Reval (atual Tallin, Estônia). A bandeira dinamarquesa, bem como a história de Reval, viria mais tarde a inspirar várias outras bandeiras, principalmente as nórdicas, e se tornar uma espécie de primeiro modelo europeu por sua forma e composição.



Bandeira da Dinamarca

No estudo de Tiago Berg sobre as bandeiras de todos os países do mundo, foram classificados alguns tipos delas, suas formas históricas e modernas, as principais divisões, linhas, modelos e estilos e as partes. Sobre essa última, a imagem a seguir:



As bandeiras da Inglaterra, Escócia e Irlanda formando a Union Jack do Reino Unido

Não existem leis internacionais que determinem a forma como as bandeiras devam ser projetadas, mas cada país tem suas próprias regras e convenções a respeito da criação, reprodução e exposição de seus lábaros nacionais ou subnacionais (de regiões, estados, províncias, municipalidades).

Para este estudo identificamos três modelos básicos: retangulares, quadradas e o “farpado”, no caso do Nepal⁽⁶⁾. Quanto à composição, também podemos reconhecer alguns padrões frequentes de bandeiras:

- Cruzes: a bandeira da Dinamarca inspirou várias outras como as da Noruega, Finlândia, Suíça, Islândia e Geórgia.
- *Stars and Stripes*: apelido da bandeira americana, que inspirou diversas outras ao redor do mundo, inclusive o primeiro estandarte republicano dos Estados Unidos do Brasil.
- Nobiliárquicas e tradicionais: essas bandeiras são compostas frequentemente por duas ou três faixas com cores que apenas simplificam os antigos brasões nacionais. Geralmente as cores representam as casas nobres reinantes como a da Alemanha e do Brasil, mas algumas podem expressar outras ideias, como a *Tricolore*, que representava os três estamentos sociais franceses e depois se tornou símbolo da Revolução.
- *Union Jack*: com a morte da Rainha Elizabeth I, Inglaterra, Escócia e Irlanda passariam por um longo processo de reorganização geopolítica através de disputas e conflitos que culminariam, em 1800, com a união dos três reinos em um único país denominado Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Essa união política e institucional seria representada pela sobreposição das três bandeiras, gerando uma nova, a *Union Jack*, que inspiraria ou estaria presente em dezenas de outras dos países colonizados pelos britânicos.

Enfim, a bandeira nacional não é apenas um retângulo espremido onde caiba um único desenho que represente a história, a geografia, a cultura, a política e a religião de um país, mas é o mais evocativo símbolo de uma nação, cujo conteúdo e cores sintetizam lembranças de guerras, uniões políticas e rivalidades públicas. ■

NOTAS

- (1) Mikail Kalishnikov teve até uma marca de vodka com seu nome e publicou suas memórias no livro “Rajadas da História”. Viveu uma vida tranquila numa casa entre os bosques dos Montes Urais, na Rússia
- (2) disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2007/07/ak47_a_arma_do_1.html> Acesso em 12 out 2017
- (3) Os EUA, com fabricação e venda livre de armas, já produzem o fuzil AR-15 CRUSADER com citações bíblicas e símbolos cristãos, como a cruz templária, gravados de fábrica. Ver em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fuzil-com-citacoes-biblicas-e-simbolos-cristaos-causa-polemica-nos-eua.html>> Acesso em 12 out 2017
- (4) disponível em <<http://timor-leste.gov.tl/?p=34>> Acesso em 12 out 2017
- (5) disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_armas_do_Zimbabwe> Acesso em 12 out 2017
- (6) Adotada em 1962, a bandeira do Nepal é, atualmente, a única bandeira nacional que não é quadrada ou retangular; composta de dois triângulos que representam as montanhas do Himalaia

REFERÊNCIAS

- A história e o design das bandeiras. disponível em: <<http://www.revistacliche.com.br/2013/03/a-historia-e-o-design-das-bandeiras/>> Acesso em 12 out 2017
- As bandeiras nas sete partidas de Afonso X. disponível em: <<http://audaces.blogs.sapo.pt/14981.html>> Acesso em 12 out 2017
- Berg, Tiago José. Bandeiras de todos os países do mundo. São Paulo: Panda Books, 2013.
- Ribeiro, João Guilherme C. Bandeiras que contam histórias. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2003.

* Membro da SOAMAR (PB) e do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica